

O REFERENCIAL METODOLÓGICO DA HERMENÊUTICA DE PROFUNDIDADE (HP) COMO APORTE TEÓRICO-METODOLÓGICO NUMA PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO MATEMÁTICA

Mirian Maria Andrade – Universidade Federal de Uberlândia, Campus do Pontal-
andrade.mirian@gmail.com

Introdução

O Grupo de Pesquisa “História Oral e Educação Matemática” – GHOEM agrupa suas investigações em três projetos principais e amplos: “Acervo de Livros didáticos Antigos: constituição, recuperação, sistematização e estudo”; “Escolas Reunidas, Escolas Isoladas, Grupos Escolares: Educação e Educação Matemática no ensino primário”; e “História Oral e Educação Matemática”. Este texto trata de um estudo desenvolvido no GHOEM, sob a orientação do professor Antonio Vicente M. Garnica, e embora tendo seus objetivos específicos, num cenário mais amplo, se vincula a um destes projetos maiores do grupo cujo objetivo central é subsidiar estudos sobre os textos que compõem o acervo de livros antigos do grupo.

Este acervo de livros antigos encontra-se locado nas dependências da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/UNESP, Campus de Bauru – SP, e compõem-se por livros didáticos antigos de Matemática, livros didáticos de outras disciplinas (principalmente obras relativas ao ensino das primeiras letras), obras das áreas de Educação e Sociologia que somam centenas de obras publicadas no Brasil e no exterior, cujas publicações se deram entre o século XVII até a década de 1970.

Tendo como umas de suas finalidades contribuir para o estudo dos livros deste acervo, Oliveira (2008) apresentou, como resultado de sua pesquisa de mestrado, uma metodologia (como possibilidade) para análise das formas simbólicas¹ textos didáticos: o Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade (HP). Thompson (1995) propõe este referencial para analisar a ideologia de formas simbólicas nos meios de comunicação de

¹ Sobre Formas Simbólicas trataremos, mais especificamente, na sequência deste texto. Por ora o leitor poderá compreender, toda vez que nos referirmos a essa expressão, como sendo construções humanas intencionais.

massa e Oliveira (2008), fundamentado em Thompson, propõe o uso desse referencial como orientação metodológica para analisar textos didáticos. O interesse que inicialmente moveu esta nossa investigação foi a possibilidade de mobilizar o Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade para analisar formas simbólicas, conforme sugerido por Oliveira (2008), que, embora proponha esse referencial como possibilidade para análise de livros didáticos, não faz efetivamente esse exercício. Deste modo, portanto, o Referencial teórico-metodológico adotado na investigação também foi um dos nossos objetos centrais de pesquisa.

Posto isso, afirmamos que a investigação, a partir da qual discutiremos o Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade, mobilizou uma análise da obra *Essais sur l'enseignement en général, et sur celui des mathématiques en particulier (1838)*², de Lacroix, à luz do Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade (HP). Justificamos a escolha desta obra (apesar de ela não se configurar como um texto didático) por esta ser um texto sobre o qual não há – até onde sabemos – estudos disponíveis, por ser um livro sobre o ensino de matemática produzido no início do século XIX (mas que, no entanto, traz entranhadas as marcas do Século das Luzes, pautadas nos ideais iluministas) e publicado num momento em que a França passava por uma revisão de sua estrutura educacional, escrito por um conhecido autor de manuais didáticos de Matemática e importante matemático francês.

O *Essais...* de Lacroix

O *Essais sur l'enseignement en général, et sur celui des mathématiques en particulier*, ou *Ensaio sobre o ensino em geral, e sobre o de matemática em particular* ou, simplesmente, o *Essais...* é uma coletânea de reflexões, de caráter historiográfico, sobre o ensino na França, seguida de uma descrição analítica de parte da obra didática de Lacroix – os livros do *Cours de Mathématiques* – uma série de livros para o ensino, publicados nos anos de 1797 a 1802, composta por títulos relativos à Aritmética, à Álgebra, à Geometria, à Trigonometria e ao Cálculo Diferencial e Integral. A coleção foi elaborada especialmente para a *École Centrale des Quatre-Nations*. É uma publicação voltada especificamente para professores e para um público “especializado” ou interessado nas questões relativas ao ensino e, sobretudo, àqueles interessados em aspectos relativos ao ensino de matemática.

² A primeira edição desta obra é de 1805. O exemplar disponível no acervo do GHOEM, escrito em francês, trata-se da quarta edição da obra. Por se tratar de uma obra escrita em francês, incluímos entre os objetivos da nossa pesquisa, realizar (junto a parcerias estabelecidas pelo GHOEM) e apresentar a tradução da obra.

O *Essais...* divide-se em três partes principais:

- **Introdução:** o autor discute a cultura matemática do século XVIII e observa a influência dessa cultura no desenvolvimento do espírito humano;
- **Primeira Parte: Do ensino em geral durante o século XVIII:** trata do ensino durante o século XVIII, principalmente ao que se refere o ensino na França;
- **Segunda Parte: Do Ensino da Matemática:** dividida em três seções, Lacroix reserva para tratar do ensino de matemática em particular. Na primeira delas, o autor discute modos de ensinar matemática e de avaliar, nos exames, o conhecimento dos alunos. Na segunda seção Lacroix cuida do método em Matemática, e dispõe sobre a natureza dos métodos sintético e analítico. Já na terceira e última seção, faz uma análise do Curso Elementar de Matemática Pura oferecido pela Escola Central das Quatro Nações, para o qual sua coleção havia sido composta (trata-se, pois, de uma análise, pelo próprio autor, de sua produção de manuais didáticos para o ensino de Matemática). O autor incursiona, sobretudo, pelo estudo das suas obras relativas à *Aritmética*, aos *Elementos de Álgebra*, aos *Elementos de Geometria*, ao *Complemento dos Elementos de Geometria* e, por fim, ao *Tratado Elementar de Trigonometria Retilínea e Esférica e Aplicação da Álgebra à Geometria* (o último volume do curso elementar, no qual o autor apresenta as interrelações, na forma de aplicações, entre as formas algébricas e geométricas). Este, porém, não é o eixo central ou o único exercício que Lacroix se propõe a executar nesta parte do *Essais...*. Este é, também, um momento em que o autor expressa suas opiniões, muitas vezes fundamentadas em sua experiência como professor.

Além disso, o autor apresenta um pequeno texto inicial, em que trata dos objetivos de sua obra e que pode ser considerado como um prefácio do livro.

As Formas Simbólicas

Antes de tratarmos, mais propriamente, do Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade (HP), é interessante refletirmos e compreendermos, ainda que de modo breve, alguns conceitos sobre “formas simbólicas”.

Baseado nas concepções de Ricoeur Thompson (1995) apresenta uma teoria sobre a análise de formas simbólicas em seu livro *Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*³.

É a partir da teoria de Thompson que Oliveira (2008) concebe formas simbólicas como sendo “as ações, falas, escritos e imagens que servem, de um modo ou outro, para sustentar ou estabelecer relações de poder” (p. 29). Para este autor, as formas simbólicas consistem em construções carregadas de significados produzidos em condições espaço-psíquico-temporais específicas de um autor, e acrescenta: essas condições são impossíveis de serem identicamente reproduzidas, mas podem ser investigadas a partir de um arsenal de referências e resíduos. Formas simbólicas são, para Cardoso (2011), expressões linguísticas, gestos, ações, obras gráficas etc.

Dialogando com Thompson, Garnica e Oliveira (2008, p. 35) acrescentam que “as formas simbólicas são ideológicas pois servem para estabelecer ou sustentar relações de dominação, ou seja, contribuem para a manutenção sistematicamente assimétrica das relações de poder”. A essas relações assimétricas de poder Thompson denomina “ideologia”, seguindo uma concepção de ideologia que o próprio Thompson (1995) denomina “concepção crítica”, ou seja, “liga-se a análise da ideologia à questão da crítica” (p. 15). De acordo com Cardoso (2009, p. 26), a concepção crítica da ideologia refere-se “ao modo pelo qual o significado de uma forma simbólica é usado para sustentar uma relação de dominação”. Ao discorrer sobre “ideologia”, Thompson (1995) afirma que, numa tentativa de tirar o sentido negativo deste conceito, criou-se o que pode ser chamado de “concepção neutra da ideologia”. De acordo com essa concepção, a ideologia consiste num “sistema de crenças”, “sistema de pensamentos” ou “sistema simbólico”, que se referem à ação social ou à prática política. Dialogando com Cardoso (2011), verificamos que “uma forma simbólica não tem ideologia por si só [...] a ideologia surge no efeito de sua mobilização na sustentação de relações de dominação, num contexto específico” (p. 02). “Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é o *sentido a serviço do poder*” (THOMPSON, 1995, p. 16). Para Thompson (1995), o estudo da ideologia exige que investiguemos os modos como o sentido é construído, além de ser necessário debruçar-se sobre os contextos sociais em que as formas simbólicas circulam. Analisar formas simbólicas, considerando-as como ideológicas, exige, portanto, uma análise dos contextos sócio-históricos específicos nos quais elas são mobilizadas.

³ Essa obra foi traduzida no Brasil em 1995, mas a publicação do original (inglês) é de 1990.

As formas simbólicas caracterizam-se por cinco aspectos:

- **intencional:** vincula-se a uma intenção, compreende um fazer ligado a uma determinada intencionalidade, ou seja, toda forma simbólica possui uma intenção. A forma simbólica tem a intenção de dizer, e o intérprete, a intenção de compreender o que se diz.
- **convencional:** refere-se aos códigos, às regras e às convenções envolvidas nos processos de produção, construção e circulação da forma simbólica. [...] a produção, construção ou emprego das formas simbólicas, bem como a interpretação das mesmas pelos sujeitos que as recebem, são processos que, caracteristicamente, envolvem a aplicação de regras, códigos ou convenções de vários tipos. (THOMPSON, 1995, p.185)
- **estrutural:** trata da estrutura da forma simbólica, refere-se aos elementos que se articulam entre si e a constituem. Ou seja, as formas simbólicas são construções que possuem uma estrutura articulada. Para Rolkouski (2006), o fato das formas simbólicas apresentarem essa estrutura articulada é o que permite que elas sejam analisadas formalmente, considerando seus elementos e suas inter-relações.
- **referencial:** Inseridas num contexto social e histórico e formadas por elementos que obedecem a uma determinada estrutura, as formas simbólicas, nessas condições, sempre querem dizer algo sobre alguma coisa. Neste sentido, para Oliveira (2008, p. 36), “as formas simbólicas falam de e sobre alguma coisa. Junto à intenção do autor está sempre o objeto de sua manifestação”. Esse objeto de sua manifestação é o objeto do discurso, é o referencial da forma simbólica.
- **contextual:** trata do contexto social e histórico em que a forma simbólica foi produzida, publicada e mobilizada. O aspecto contextual das formas simbólicas considera que as mesmas são construções significativas dentro de contextos sociais e históricos de diferentes tipos.

Os aspectos intencional, convencional, estrutural e referencial têm, todos, relação com o que é comumente entendido pelos termos “significado”, “sentido” e “significação”. [...] o aspecto contextual é também importante em questões de significado e de interpretação, mas chama nossa atenção para as características socialmente estruturadas das formas simbólicas, normalmente negligenciadas nas

discussões sobre significado e interpretação, características que são, no mínimo, cruciais à análise da cultura (p. 183).

Deste modo, é possível caracterizar o *Essais...* de Lacroix (ou qualquer outro livro) como uma forma simbólica, pois um livro é uma produção humana carregada de intenções, possui uma estrutura específica, responde a várias e determinadas convenções e refere-se ao seu objeto de forma contextualizada.

O Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade (HP) e a análise do *Essais...* de Lacroix

Percebemos a Hermenêutica de Profundidade (HP), na Educação Matemática, como um movimento ainda bastante tímido e inicial. Para Cardoso (2011), apesar de essa mobilização ainda se apresentar como primitiva, a HP é “um método de pesquisa bastante interessante para a Educação Matemática, pois considera a hermenêutica do texto e do contexto” (p. 05). Para Thompson (1995), a Hermenêutica de Profundidade é um “referencial metodológico orientado para a interpretação (ou reinterpretação) de fenômenos significativos em que diferentes tipos de análise podem desempenhar papéis legitimados e que se apoiem reciprocamente” (p. 33).

O Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade compõe-se por três fases interligadas e concomitantes: “Análise Sócio-Histórica”, “Análise Formal ou Discursiva” e “Interpretação/Reinterpretação”, sendo representadas, em Thompson, no esquema dado abaixo:

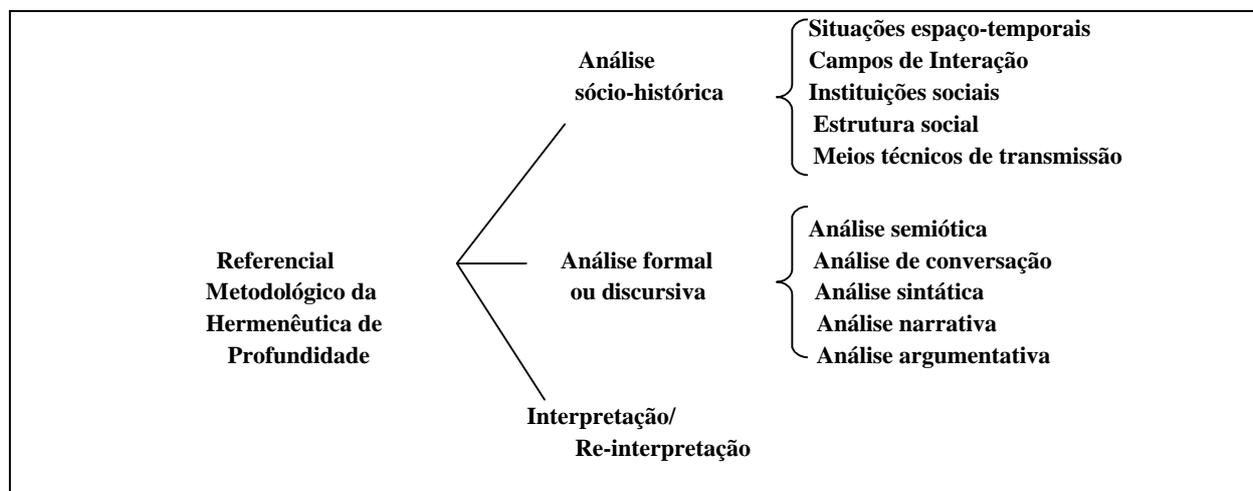


Figura 2: Formas de investigação Hermenêutica (THOMPSON, 1995, p. 365)

Essas fases não são estanques nem lineares e o hermenêuta pode adaptá-las de acordo com seu objeto de análise. Para Thompson (1995, p. 357), “este referencial coloca em evidência o fato de que o objeto de análise é uma construção simbólica significativa, que exige uma interpretação”. E que,

[...] a HP é um referencial metodológico amplo que compreende três fases ou procedimentos principais. Essas fases devem ser vistas não tanto como estágios separados de um método seqüencial, mas antes como dimensões analiticamente distintas de um processo interpretativo complexo (THOMPSON, 1995, p. 365).

A análise sócio-histórica compõe-se, de acordo com Thompson, por cinco diferentes tipos de análise, cada um deles voltado a um foco específico, mas que se constituem de forma entrelaçada. Todos os elementos abordados nesses tipos de análise tornam-se subsídios significativos para reconstruir e entender o contexto sócio-histórico no qual a forma simbólica foi produzida e mobilizada.

Com efeito, fazer uma análise sócio-histórica implica esforçar-se para compreender as situações espaço-temporais, os campos de interação, as instituições sociais, a própria estrutura social e os meios técnicos de construção e transmissão da “mensagem” que a forma simbólica “quer transmitir”. Estudar as **situações espaço-temporais** da forma simbólica significa se preocupar com as peculiaridades espaciais do “local” e do período em que as formas simbólicas são produzidas e nas quais são inicialmente recebidas. O estudo dos **campos de interação** versam sobre o “espaço” em que as instituições se constituem, são um conjunto de posições e trajetórias que “[...] conjuntamente determinam algumas das relações entre pessoas e algumas oportunidades acessíveis a elas” (THOMPSON, 1995, p. 366). Focar as **instituições sociais** significa analisar as escolas, as famílias, as comunidades de bairro, os sistemas de ensino, as editoras, o governo, as associações diversas (como sociedades científicas, literárias, profissionais), etc. A análise da **estrutura social** pretende identificar e analisar “[...] assimetrias e diferenças relativamente estáveis que caracterizam as instituições sociais e os campos de interação. Analisar a estrutura social é identificar as assimetrias, as diferenças e as divisões.” (THOMPSON, 1995, p. 367). E os **meios técnicos de construção e transmissão** referem-se ao modo da forma simbólica manifestar-se na concretude do mundo. Trata-se de analisar o meio pelo qual a forma simbólica foi criada e transmitida, considerando o contexto sócio-histórico do meio técnico.

De acordo com Thompson (1995, p. 369), “a tarefa da análise sócio-histórica é reconstruir as condições e contextos sócio-históricos de produção, circulação e recepção das formas simbólicas [...]”.

Reconstruir as condições sociais e históricas é diferente de reproduzi-las como se essas condições fossem um brinquedo de desmontar que podemos recompor para tê-lo novamente tal qual era originalmente. Reconstruir é construir novamente, mas dessa vez, uma apropriação criativa, como uma nova criação. Construo a minha significação das condições sócio-históricas porque toda construção é uma reconstrução, assim como toda interpretação é uma reinterpretação de um campo pré-interpretado (OLIVEIRA, 2008, p. 39).

Em especial, no nosso trabalho, ao realizarmos a análise sócio-histórica do *Essais...*, focamos, mais especificamente, o cenário de uma parte da História da França (antes, durante e depois da Revolução Francesa), momentos em que a obra foi produzida, publicada e apropriada. Portanto, demos ênfase às tramas da Revolução Francesa, à educação no período revolucionário, às famílias francesas, ao comércio livreiro, às práticas de leitura e de escrita, aos modos de escolha dos livros didáticos no século XVIII e XIX, à produção de Lacroix, à materialidade da obra... . Nossos principais interlocutores, neste momento analítico, foram Chartier (2009), Durkheim (2002), Gomes (2008), Schubring (1985, 2003), Darnton (2010).

Thompson (1995, p. 34) acrescenta ainda que:

Esta fase é essencial porque as formas simbólicas não subsistem num vácuo: elas são fenômenos sociais contextualizados, são produzidas, circulam e são recebidas dentro de condições sócio-históricas específicas que podem ser reconstruídas com a ajuda de métodos empíricos, observacionais e documentários.

A análise formal ou discursiva é o momento da análise em que o foco central do exercício analítico é o “objeto de estudo” em si: esse é o momento de olhar para as estruturas da forma simbólica, de olhar como essa estrutura “funciona” de modo a constituir o objeto mais amplo, além de investigar as relações entre os elementos dessa estrutura. Este “momento” é constituído, segundo Thompson, por diferentes “tipos de análise” chamadas por ele de semiótica, sintática, narrativa e argumentativa.

- **Análise semiótica:** analisa as características estruturais internas de uma obra, seus elementos constitutivos e suas inter-relações. Neste momento analítico procura-se estudar como essas características internas, bem como as relações entre elas, constituem a representatividade da forma simbólica.

- **Análise sintática:** pretende estudar as instâncias do discurso, as características gramaticais do mesmo. O foco deste tipo de análise está nas partes das frases, na categorização das palavras, no modo “como o texto opera estruturalmente com a linguagem para dizer o que parece querer dizer”.

- **Análise narrativa:** o foco está na forma de constituição da narrativa (como a história é contada, como a trama é desenvolvida e como os elementos que compõem essa história se articulam para que ela seja contada de uma determinada forma).

- **Análise argumentativa:** verifica a harmonia da obra, a sequência de assuntos, a estrutura de apresentação de cada assunto, sua coerência interna etc. O objetivo da análise argumentativa “é reconstruir e tornar explícitos os padrões de inferência que caracterizam o discurso” (THOMPSON, 1995, p. 374).

Os diferentes tipos de análises que Thompson apresenta como possibilidades para a análise formal ou discursiva são indicações para o hermenêuta que se dispõe ao exercício analítico sob a luz da Hermenêutica de Profundidade e é ele – o hermenêuta – que fará sua escolha, levando em consideração a natureza de seu objeto de pesquisa, e uma discussão mais apurada da fundamentação do momento analítico escolhido. De acordo com Thompson (1995, p. 34),

Essa fase é essencial porque as formas simbólicas são fenômenos sociais contextualizados e algo mais: elas são construções simbólicas que, em virtude de suas características estruturais, têm possibilidade de e afirmam representar algo, significar algo, dizer algo sobre algo. É esse aspecto adicional e irreduzível das formas simbólicas que exige um tipo diferente de análise, que exige uma fase analítica que se interesse principalmente com a organização interna das formas simbólicas, com suas características estruturais, seus padrões e relações.

No entanto, Thompson nos alerta sobre o perigo do exercício da análise discursiva ou formal fora do contexto da HP:

[...] essa fase de análise, embora perfeitamente legítima, pode se tornar enganadora quando ela é separada do referencial da hermenêutica de profundidade e concebida como um fim em si mesma. Tomada em si mesma, a análise formal ou discursiva pode tornar-se – em muitos casos ela se torna – um exercício abstrato, separado das condições sócio-históricas e despreocupada com o que está expresso pelas formas simbólicas, cuja estrutura ela procura revelar (THOMPSON, 1995, p. 34).

Esta análise do *Essais...* dividiu-se em dois momentos: no primeiro deles focamos a análise dos elementos internos do livro, como sua materialidade (a capa da obra, as páginas internas, o nome do autor, o formato da obra, o título, o sumário, a ausência de dedicatória e

de epígrafes, as notas presentes no texto, o prefácio) e, para tanto, buscamos auxílio na concepção de Paratextos Editoriais, de Genette (2009)⁴; num segundo momento, focamos, mais propriamente, a narrativa apresentada por Lacroix e para isso trabalhamos com fragmentos do texto, originando o que podemos chamar de uma análise argumentativa do *Essais...*

A interpretação/reinterpretação que, além de costurar, continuamente, todos os momentos da análise (pois nessa fase ressalta-se a atribuição de significados), trata de registrar uma apreensão geral de todo o processo interpretativo. Oliveira (2008, p.43) afirma que “após a análise Sócio-Histórica e a Análise Formal, a Interpretação ou Reinterpretação é a reflexão sobre os dados obtidos anteriormente, relacionando contextos e elementos de forma a construir um significado à forma simbólica”.

[...] as formas simbólicas que são o objeto de interpretação são parte de um campo pré-interpretado, elas já são interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico. Ao desenvolver uma interpretação que é mediada pelos métodos do enfoque da HP, estamos reinterpretando um campo pré-interpretado; estamos projetando um significado possível que pode divergir do significado construído pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico. [...] Como uma reinterpretação de um campo objeto pré-interpretado, o processo de interpretação é necessariamente arriscado, cheio de conflitos e aberto à discussão. *A possibilidade de um conflito de interpretação é intrínseco ao próprio processo de interpretação.* E esse é um conflito que pode surgir, não simplesmente entre as interpretações divergentes de analistas que empregam técnicas diferentes, mas também entre uma interpretação mediada pelo enfoque da HP de um lado, e as maneiras em que as formas simbólicas são interpretadas pelos sujeitos que constituem o mundo sócio-histórico de outro. (THOMPSON, p. 376, 1995)

É neste sentido que não entendemos a interpretação como algo que ocorre somente neste momento específico de análise. Acreditamos que a interpretação perpassa todos os momentos, desde a escolha por focar uma determinada forma simbólica (que já implica uma determinada interpretação) até o exercício tanto da análise sócio-histórica quanto da análise formal. Pautados em Palmer (1969), dizemos que a escolha da forma simbólica pode ser considerada uma interpretação preliminar, pois serve de base para toda a interpretação que se fará a partir dessa opção.

⁴ Um paratexto é, segundo Genette, “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público” (p. 09). Segundo esse autor, é por meio do paratexto que o texto deixa de ser um texto bruto e passa a ser um livro. Podemos listar diversos elementos encontrados num livro (ou externos a ele, mas que se relacionam a ele) que podem ser classificados como paratextos, segundo a visão de Genette (2009): o nome do autor, os títulos e os subtítulos, a data da obra, os *releases*, as dedicatórias, as epígrafes, a instância prefacial, as notas de rodapé, listas de obras do mesmo autor, notas do autor ou do editor, menções de preço, conversas e entrevistas sobre o livro, formato, correspondências ao autor, as ilustrações, as capas, os anexos etc.

Nossa análise nos permite afirmar, entre várias outras coisas, que o *Essais...* apresenta uma defesa apaixonada dos ideais das Luzes e do modelo de instrução revolucionário, uma obra em que o autor defende uma postura educacional não mais vigente, reeditando-a (mais três vezes) em meio a outros regimes políticos e sociais que rejeitam a postura revolucionária que Lacroix defende efusivamente. Trata-se, ainda, de uma obra com a autenticação do século XVIII e com circulação no século XIX. Podemos considerar esta obra como um escrito muito minucioso, no qual o autor faz sobressair, por diversas vezes, suas próprias experiências como docente. O *Essais...* não é um texto qualquer de um autor qualquer: é um depoimento, um escrito testemunhal do qual um autor específico, nomeado claramente e participante ativo nas tramas que ajudaram a constituir um sistema nacional de instrução para a França do final do Setecentos, pode dar conta.

Algumas potencialidades da HP como aporte teórico-metodológico na pesquisa em História da Educação Matemática

A partir da análise da obra de Lacroix, nos é possível apontar algumas potencialidades⁵ do Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade:

- fornece ao leitor a possibilidade de não estranhar a mentalidade do autor, de tentar aproximar-se dela e entendê-la como parte de um contexto histórico específico, influenciada por e influenciando esse contexto. Além disso, pela HP é possível efetivar um exercício imaginativo que nos aproxima de uma época, das concepções então vigentes, das organizações sociais, culturais, políticas e econômicas de um determinado tempo e espaço que não necessariamente é o nosso;
- facilita a compreensão da obra de acordo com o contexto no qual ela estava inserida de algum modo; possibilita o entendimento das ações, organizações e estruturas da forma simbólica;

⁵ Nossa análise do *Essais...* de Lacroix tem por objetivo discutir, também, as limitações deste referencial metodológico. No entanto, neste texto, em específico, optamos por tratar, apenas, de algumas potencialidades que a nossa análise nos permitiu identificar. Para o leitor interessado em aprofundar nesta nossa temática sugerimos a leitura de: ANDRADE, M. M. **Ensaio sobre o Ensino em Geral e o de Matemática em Particular, de Lacroix**: análise de uma forma simbólica à luz do Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2012.

- fornece diferentes tipos de análise e a possibilidade de escolha dentre eles e, por isso, é facilmente adaptada ao objeto de análise (forma simbólica);
- possibilidade de transitar por outras áreas do conhecimento, sobretudo pelos caminhos e pelas tramas da História, principalmente quando elaborando a análise sócio-histórica, lança o hermeneuta a outras searas.

Nossa análise do *Essais...*, nos permite insinuar, ainda, que o trabalho com a Hermenêutica de Profundidade exige um hermeneuta paciente, colaborativo, atento, aberto a críticas, cauteloso e flexível. Uma Hermenêutica de Profundidade é um movimento lento.

Considerações

Podemos considerar que torna-se difícil apontar uma fase de análise pela qual se poderia “iniciar a interpretação” da forma simbólica, bem como quais tipos de análise poderiam ser abordados em cada uma das fases. Numa análise fundada na Hermenêutica de Profundidade, porém, sabemos, não é sempre necessário – e em alguns casos nem sempre é possível – passar por todas as instâncias que Thompson nos propõe. Mas o registro precisa começar de algum modo e a opção por iniciá-lo assim ou assado caberá ao hermeneuta, que deve, neste momento, considerar seu objetivo, os instrumentos que tem ou pode ter à mão, suas limitações e vantagens, sem perder de vista o objeto de sua investigação e a necessidade de entrelaçar as diferentes fases do Referencial. Os procedimentos sugeridos são, portanto, um conjunto possível, flexível e aberto. O Referencial Metodológico da Hermenêutica de Profundidade não é um manual pronto e fechado: ele oferece parâmetros que caberá ao hermeneuta, ao apropriar-se dele, explorar.

É importante ressaltarmos nossa crença quanto à Hermenêutica de Profundidade permitir que optemos entre os diferentes tipos de análise sugeridos no âmbito das fases, sem a necessidade de mobilizá-los, todos. Mas, ao mesmo tempo, é essencial atentar para a necessidade de não negligenciar nenhuma das três principais fases da proposta de Thompson.

Referências Bibliográficas

ANDRADE, M. M. **Ensaio sobre o Ensino em Geral e o de Matemática em Particular, de Lacroix**: análise de uma forma simbólica à luz do Referencial Metodológico da

Hermenêutica de Profundidade. Tese (Doutorado em Educação Matemática). Universidade Estadual Paulista – UNESP, Rio Claro, 2012.

CARDOSO, V. C. **A Cigarra e a Formiga: uma reflexão sobre a Educação Matemática brasileira da primeira década do século XXI.** 226 f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 2009.

CARDOSO, V.C. A cigarra e a formiga: a hermenêutica de profundidade como proposta de método de pesquisa em Educação Matemática. In: **Anais da XIII Conferência Interamericana de Educação Matemática.** Recife-Brasil, 2011.

CHARTIER, R. **Origens Culturais da Revolução Francesa.** Tradução de George Schlesinger. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

DARNTON, R. **O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução.** Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

DURKHEIM, E. **A Evolução Pedagógica.** Tradução de Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 2ª Ed., 2002.

GARNICA, A. V. M.; OLIVEIRA, F. D. de. Manuais didáticos como forma simbólica: considerações iniciais para uma análise hermenêutica. In: **HORIZONTES** (Dossiê Escolarização: memórias, sentidos, representações e prática). USF. Itatiba. Vol. 26, número 1, janeiro/julho 2008, p. 31-43.

GENETTE, G. **Paratextos Editoriais.** Tradução de Álvaro Faleiros – Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2009.

GOMES, M. L. M. **Quatro visões iluministas sobre a educação matemática: Diderot, D'Alembert, Condillac e Condorcet.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.

LACROIX, S.F **Essais sur l'enseignement en général, et sur celui des mathématiques en particulier.** Paris, Bachelier, Imprimeur-Libraire. 4 ed., 1838.

OLIVEIRA, F. D. **Análise de textos didáticos: três estudos.** Dissertação (Mestrado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). UNESP, Rio Claro, 2008.

ROLKOUSKI, E. **Vida de Professores de Matemática: (im)possibilidades de leitura.** Tese (Doutorado em Educação Matemática). Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). UNESP, Rio Claro, 2006.

SCHUBRING, G. Essais sur l'histoire de l'enseignement des mathématiques, particulièrement en France et en Prusse. **Recherches en Didactique des Mathématiques**, v.5, n.3, p. 343-385, 1985.

SCHUBRING, G. **Análise histórica de livros de matemática**: notas de aula/Gert Schubring (tradução Maria Laura Magalhães Gomes). – Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes. 1995.